



Organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ a partir da representação documentária de instrumentos musicais

*Dolores Castorino Brandão**
*Maria José Veloso da Costa Santos***
*Vânia Lisboa da Silveira Guedes****

Resumo

Abordagem do acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ por meio da representação temática e descritiva dos instrumentos musicais para fins de recuperação da informação. A insuficiência de normas internacionais de representação para esse fim e a escassez de estudos sobre o tema no Brasil, ensejaram a realização desse trabalho. Inicialmente foram estudadas as normas e padrões existentes nas áreas de Biblioteconomia, Museologia e na Organologia que possam ser utilizadas para a organização do acervo. Obteve-se como resultado uma proposta para a representação de instrumentos musicais na base Minerva da UFRJ, utilizando-se os padrões biblioteconômicos AACR2 e MARC 21. Foi desenvolvido também, um protótipo de vocabulário controlado no campo em estudo com vistas a contribuir para a organização temática do acervo. A pesquisa evidenciou a necessidade de estudos complementares em linguagem documentária especializada na área de música, visando à construção de um thesaurus no domínio de instrumentos musicais.

Palavras-chave

Representação descritiva – instrumentos musicais – classificação de instrumentos musicais – linguagem documentária.

Abstract

This study approaches the collection of Instrumental Museum Delgado de Carvalho of the School of Music School at UFRJ (Federal University of Rio de Janeiro) through thematic and descriptive representation of musical instruments for purposes of information retrieval. The insufficiency of international regulation of representation for this aim, and the shortage of studies on the subject in Brazil have motivated the present study. The analysis of existing regulations and patterns in the areas of Librarianship, Museology and Organology has resulted in a proposal for representation of musical instruments at UFRJ Minerva database, which adopts the librarianship patterns AACR2 and MARC 21. This study also developed an archetype of managed vocabulary on the field in order to contribute with thematic organization of the collection. The research also claims for the need of additional studies on specialized documentary language in the music area, aiming at generating a thesaurus in the domain of musical instruments.

Keywords

Descriptive representation – musical instruments – musical instrument classification - documentary language.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: docastorinobrandao@gmail.com

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: msantos1402@gmail.com

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: vanialisboa@facc.ufrj.br



Nos últimos anos, a organização e representação da informação e do conhecimento no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação tornaram-se um campo de estudo cada vez mais discutido, impulsionando o desenvolvimento de modelos teóricos e instrumentais que auxiliem nos procedimentos de organização, gerenciamento e recuperação de documentos, bem como têm levado bibliotecários e demais profissionais da documentação a analisar e reavaliar normas e padrões vigentes.

Desse contexto, o entendimento da demanda das necessidades de informação de uma comunidade usuária torna-se um aspecto essencial a ser considerado no processo de descrição física e de conteúdo de um documento em um sistema de recuperação da informação, visando a otimizar sua precisão.

Embora os estudos na área de representação descritiva da informação, tenham se intensificado com a adoção de novos modelos conceituais, a representação de objetos tridimensionais, especificamente de instrumentos musicais, continua incipiente, não cobrindo os detalhes específicos de cada material. Assim, o tratamento técnico de um instrumento musical é complexo, conseqüentemente, sua representação deve ser mais detalhada e exige um número maior de informações específicas para que seja representado e recuperado de forma precisa.

A presente pesquisa teve início no ano de 2008, a partir de um trabalho conjunto de bibliotecários e professores especialistas da Escola de Música da UFRJ visando a organização do acervo de instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.

Foram analisados, além dos padrões adotados pela Biblioteconomia, três trabalhos especializados, na área de descrição de instrumentos musicais, no âmbito da Organologia e da Museologia, respectivamente, Trindade (2011), do Museu da Música de Lisboa; Myers (1989), da Universidade de Edimburgo; e Costa (2006), do Sistema Estadual de Museus do Paraná.

Apresenta como objetivo central contribuir para o estabelecimento de um modelo de organização de acervos de instrumentos musicais, de acordo com normas e padrões internacionais de organização da informação.

No que diz respeito à organização do conhecimento desses instrumentos, também, devido à sua complexidade, a literatura analisada considera que os instrumentos musicais podem ser classificados segundo diferentes finalidades e de acordo com os critérios de categorização proposto por um determinado estudioso.

Esta problemática contribuiu para o surgimento de diversas classificações desde a Antiguidade, como, por exemplo, o sistema *Bayin* na China ou o antigo sistema indiano que influenciou a elaboração da sistemática proposta por Victor-Charles Mahillon no século XIX. Apesar da diversidade de classificações, o sistema mais completo e de abrangência internacional para instrumentos musicais, foi criado em 1914 por Hornbostel-Sachs.



Para melhor entendimento da classificação de Hornbostel-Sachs foi realizada uma tradução resumida, pelo Professor Eduardo Monteiro da Escola de Música da UFRJ, a partir do original em alemão. Esta tradução resumida foi confrontada, por Monteiro com a tradução realizada para a língua inglesa de autoria de Anthony Baines e Klaus Wachsmann, publicada em 1961, no volume 14 do *Galpin Society Journal*.

ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: O USO DE PADRÕES

Atualmente o foco principal das pesquisas no âmbito da Ciência da Informação trata a organização da informação como dois processos distintos embora intrinsecamente ligados, a representação descritiva e a representação temática de documentos que têm a finalidade de organizar, gerenciar e recuperar a informação. Insere-se nesse campo a organização de instrumentos musicais. Segundo Fujita, o conceito compreende:

[...] as atividades e operações do tratamento da informação, envolvendo para isso, o conhecimento teórico e metodológico disponível quanto ao tratamento descritivo do suporte material da informação e ao tratamento temático de conteúdo da informação. (Fujita et al., 2009, p. 21)

Neste aspecto, a organização da informação é um processo sistematizado e, para tal, necessita utilizar padrões e normas para possibilitar a recuperação efetiva da informação em todos os níveis. Santos (2007, p.2), referindo-se aos padrões para representação descritiva, defende que a utilização dos mesmos “definem, homogeneizam os dados e servem como sustentáculo para a recuperação da informação, de modo a atender aos usuários de forma eficiente e assim contribuir para a produção do conhecimento”. Mey (1995) destaca, ainda, que antes de qualquer coisa a representação documentária deve ser ligada às necessidades informacionais do usuário, independente da norma utilizada. Motivo pelo qual,

[...] o profissional da documentação deve estabelecer três características fundamentais para a realização do seu trabalho: o conhecimento do instrumento utilizado, a correta interpretação dos códigos e das normas adotadas, e a adequação dos padrões catalográficos normativos à compreensão de seu usuário. (Mey, 1995, p. 7)



Com o advento do computador, a *Library of Congress* (LC) dos Estados Unidos elaborou um formato de entrada de registros bibliográficos denominado “*Machine Readable Cataloging*”, em língua portuguesa Catalogação Legível por Máquina (MARC), atualmente editado como MARC 21. O formato MARC 21 está de acordo com a norma da *International Standardization Organization* (ISO) número 2709 que, junto com o protocolo de comunicação Z39.50, permite pesquisas e recuperação da informação em redes de computadores (Rosseto, 1997). Essas normas em uso conjunto com o Código de Catalogação Anglo Americano, segunda edição (AACR2), são utilizadas para a catalogação não apenas de livros, mas de todos os tipos de documentos, tais como: manuscritos, mapas, partituras musicais, objetos tridimensionais e outros.

REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA NA BIBLIOTECONOMIA E NA MUSEOLOGIA

A catalogação constitui um dos principais processos de tratamento técnico, sendo também conhecida como representação descritiva ou descrição bibliográfica. O termo representação consiste em perceber, descrever e interpretar uma informação (reapresentar). No procedimento, as informações contidas no documento, autor, título, local, edição, data, entre outros, são extraídas dos suportes de informação, tratadas, organizadas e representadas em um catálogo, ou base de dados, canais de comunicação entre o acervo e o usuário. A definição de catalogação pode ser entendida como:

[...] um conjunto convencional de informações determinadas, a partir do exame de um documento onde são extraídas as informações descritas de acordo com regras fixas para se identificar e descrever este documento. A catalogação é conhecida também como Representação Descritiva, pois vai fornecer uma descrição única e precisa deste documento, servindo também para estabelecer as entradas de autor e prover informação bibliográfica adequada para identificar uma obra. (Santos e Ribeiro, 2003, p. 45)

Paul Otlet em seu *Tratado de Documentação* (1934) ampliou o conceito tradicional de documentos. Na visão dele, “documentos não são somente livros e manuscritos, mas também arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais, entre outros” (Otlet, 1903 apud Woledge, 1983, p. 270-271).



Desta forma, percebe-se que além de bibliotecas, os arquivos e museus custodiam acervos informacionais em seus variados suportes e são considerados unidades de informação. Têm a função de serem disseminadores de informação e, portanto, são responsáveis também pelo seu tratamento (Otlet, 1903 apud Yassuda, 2009, p. 44).

O instrumento musical, no que diz respeito às suas características físicas, é considerado um artefato tridimensional. Segundo Ribeiro (2006, capítulo 10, p. 5) “artefatos tridimensionais são objetos fabricados ou modificados por uma ou mais pessoas, à mão ou industrialmente”. Nessa perspectiva, os instrumentos musicais oferecem grandes desafios para os profissionais da informação que cada vez mais se vêem envolvidos com esse tipo de documento, o qual diferencia profundamente de outros tipos de registros documentais. O instrumento é considerado um documento, objeto de estudo da Organologia, e pode fazer parte do acervo de um museu, de um arquivo, de uma biblioteca ou, ainda, de uma unidade de informação. Para tal, necessita de tratamento especializado para a observação dos elementos necessários à identificação e descrição das informações a ele relacionadas para atender de forma eficaz aos usuários.

Os instrumentos musicais na Biblioteconomia podem ser descritos pelas normas do capítulo 10 do AACR2 que diz respeito aos objetos tridimensionais de um modo geral (medalhas, esculturas, quadros, etc) sem particularizar qualquer objeto.

Sendo assim, observa-se que é de suma importância a interação de diversos profissionais de diferentes áreas do conhecimento, como Biblioteconomia, Museologia, Etnomusicologia e Organologia, no processo de representação dos instrumentos musicais. Eles necessitam dialogar na construção de um trabalho comum.

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NA BIBLIOTECONOMIA E NA MUSICOLOGIA

Sistemas de classificação do conhecimento existem desde os tempos primitivos e estão presentes em todas as áreas. Filósofos, cientistas e lexicógrafos utilizaram a classificação para compreender e analisar o conhecimento humano. Piedade (1977) divide as classificações de acordo com a sua finalidade, podendo ser: classificações filosóficas, criadas pelos filósofos para definição e hierarquização do conhecimento, e a classificação bibliográfica, destinada à representação temática sistematizada de documentos, visando à precisão na recuperação da informação. Dentre os sistemas de classificação bibliográfica os mais utilizados no Brasil são: Classificação Decimal Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU).

Na Musicologia a classificação de instrumentos musicais integra a Organologia, que se propõe a estudar o instrumento musical em seu aspecto histórico, sua natureza física e sua classificação. Kartomi (2001, p. 11) enfatiza a influência da cultura



na classificação de instrumentos musicais quando afirma que “as preferências hierárquicas de uma determinada cultura, exerce um forte domínio na forma de classificação de instrumentos musicais principalmente nas culturas orientais”. Henrique (2004) alerta para o risco de uma proposta de sistema de classificação universal, onde o instrumento possa ser classificado em mais de um grupo. Pensando nessa possibilidade o autor comenta:

Para ser universal, um sistema de classificação deve basear-se num princípio único, lógico e coerente. Se numa classificação pretendermos incluir todos os instrumentos de todas as épocas e de todo o mundo, atuais ou antigos, eruditos ou populares, ocidentais e orientais, teremos que os basear num critério uniforme. Um tal critério deve assentar em algo que seja essencial, indispensável a qualquer instrumento musical. (Henrique, 2004, p. 13-14).

Os primeiros sistemas de classificação para instrumentos musicais foram elaborados na China e na Índia. Por volta do século VIII a.C. os chineses elaboraram o sistema *Bayin* que organizava os instrumentos musicais em oito categorias correspondendo aos oito ventos. Pinto (2001) explica as categorias do sistema *Bayin*:

Essas categorias eram também definidas pelo material de construção (a seda de cordas, o couro dos tambores, o metal dos sinos, a madeira das matracas e dos bastões raspados e a pedra dos litofones) e pelo material que fechava a coluna de ar em vibração (bambu das flautas, o barro das flautas e a cabaça da caixa de ressonância do órgão de boca). Esta classificação fechada, no entanto, foi concebida contemplando somente os instrumentos da cultura chinesa. (Pinto, 2001, p. 267)

O sistema indiano foi apresentado nos tratados técnicos da literatura sânscrita. Elaborado no início da era Cristã, o *Bharatiya-natya-shastra*, ou o *Ensino da arte dramática*, é uma obra que aborda o teatro, as artes correlatas e, em especial, a poesia e a música. Nesse sistema, a classificação dos instrumentos é apresentada em quatro classes distintas, determinadas pela maneira de vibração do componente do instrumento, a saber: 1. *tata* (de tan, esticar) *vadhya*, correspondendo a corda; 2. *avanaddha* (atado ou coberto) *vadhya* – correspondendo a tambores de couro; 3. *sushira* (escavado ou furado) *vadhya* – correspondendo as flautas sopradas pelo músico; 4. *ghana vadhya* (de ban, percutir um material sólido, em especial metal) (Pinto, 2001, p. 266-267).



Estes critérios adotados no sistema serviram como inspiração para a elaboração de classificações de instrumentos no Ocidente, dentre elas a idealizada por Victor-Charles Mahillon (1841-1924), no final do século XIX, considerada a primeira adequada para uso em todo o mundo. Mahillon foi curador *do Musée des Instruments de Musique do Conservatoire Royal de Bruxelles*, na Bélgica e desenvolveu o sistema de classificação para a coleção do referido Museu. O sistema de classificação de Mahillon foi modificado e ampliado, em 1914, por uma dupla de musicólogos, o austríaco Erich Moritz Von Hornbostel (1877-1935), diretor do Arquivo Fonográfico de Berlim, e o alemão Curt Sachs (1881-1959), diretor do Museu de Instrumentos Musicais da mesma cidade.

CLASSIFICAÇÃO DE VICTOR-CHARLES MAHILLON

O sistema de Mahillon é considerado o pioneiro no Ocidente por sistematizar os instrumentos musicais de acordo com a forma como o som é produzido. Segundo Kartomi (2001) o etnomusicólogo Nazir Alli Jairazbhoy observou que Mahillon provavelmente estava familiarizado com o sistema, apresentado a ele por um rico rajá e eminente estudioso de musicologia Sourindro Mohun Tagore (1840-1914), que dedicou parte de sua vida para propagar a música indiana. Ainda segundo Pinto (2001, p. 266):

Assim como os sistemas de classificação bibliográfica o esquema de classificação de Mahillon foi construído utilizando um diagrama em forma de árvore para exemplificar as ramificações dos instrumentos musicais dentro de sua respectiva categoria. Mahillon avaliou os instrumentos de acordo com o tipo de vibração do material, responsável pela produção do som. (Pinto, 2001, p. 266)

Essa concepção de classificação gerou as seguintes famílias para os instrumentos musicais: autôfones, membranofones, aerofones e cordofones.

O modelo foi durante muito tempo o mais utilizado, mas apresentava algumas limitações por restringir-se aos instrumentos ocidentais usados na música erudita. Sachs (1949 apud Henrique, 2004) elogiou a classificação de Mahillon, apontando o ponto fraco da sistematização que foi concebida para a coleção de um museu em particular. Recentemente, Pinto (2001, p. 266) assegura que “os dados sobre instrumentos de teclado foram utilizados de maneira incoerente”.



CLASSIFICAÇÃO DE HORNBOSTEL –SACHS

A proposta desse sistema foi fornecer uma classificação universal para instrumentos provenientes de outras culturas, desta forma, Hornbostel e Sachs desenvolveram o sistema em quatro classes principais: idiofones, membranofones, cordofones, aerofones. Com o advento dos instrumentos eletrônicos, Hans-Heinz Dräger (Dräger, 1948 apud Kartomi, 2001, p. 286) propôs a inclusão de uma quinta categoria, os eletrofones. Pesquisa desenvolvida por Maria Helena Trindade (2011) junto ao Museu da Música em Lisboa propõe, além dos eletrofones, a inclusão de mais duas categorias: (a) automatofones em que o som é produzido ou impulsionado por engenhos mecânicos e (b) hidrofones onde o som é produzido por um sistema hidráulico.

Hornbostel e Sachs, além de mudarem o nome da classe autofones para idiofones, alteraram a forma da subdivisão de suas classes e introduziram um código decimal baseado na CDD. O uso do sistema decimal anunciava o importante papel de símbolos não verbais nos anos posteriores que possibilitaram que a classificação fosse amplamente utilizada em museus em todo o mundo.

Kartomi (2001) destaca que “o segredo do sucesso na adoção generalizada do esquema de Hornbostel e Sachs é que se trata realmente de um sistema internacional”. A utilização dos números no sistema para indicar as classes dos instrumentos constituiu-se um meio eficaz para localizar e identificar os mesmos, fato que permite ao usuário identificar o mesmo instrumento em diferentes culturas e idiomas.

No final do século XIX, a CDU utilizou a classificação de Hornbostel e Sachs para desenvolver a classe referente a instrumentos musicais na classe 780.6, denominada de instrumentos e acessórios musicais. Uma nota no início dessa classe chama a atenção para esse fato que ocorreu em 1914 por Erich Von Hornboestel e Curt Sachs, aceito hoje internacionalmente (CDU, 2007).

REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA: LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA NO DOMÍNIO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

As linguagens documentárias têm a função de

organizar o campo conceitual da representação documentária, servir de instrumento para distribuição útil dos livros ou documentos e controlar as dispersões léxicas, sintáticas e simbólicas no processo de análise documentária. (Dodebey, 2002, p. 57)

122 Lancaster (1993) chama as linguagens documentárias de vocabulário controlado. Segundo o autor, os vocabulários controlados podem ser identificados em três tipos:



classificações bibliográficas, listas de cabeçalhos de assuntos e tesouros. O tesouro, que constitui também objeto de estudo desse trabalho é segundo a UNESCO “um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente, que cobre de forma extensiva um campo específico do conhecimento” (UNESCO 1973 apud Dodebey, 2002, p. 67).

Tendo em vista a escassez de estudos na área de vocabulário controlado em instrumentos musicais, foi desenvolvido um protótipo de tesouro em instrumentos musicais, especificamente em cordofones dedilhados e friccionados com arco. Este protótipo servirá de modelo para elaboração futura de um tesouro de instrumentos musicais.

Os cordofones incluem todos os instrumentos normalmente chamados de instrumentos de cordas onde o som é obtido a partir de uma corda tensa, ou seja, esticada e a vibrar. São utilizados três métodos para que a corda possa vibrar: as cordas podem ser dedilhadas, friccionadas com um arco ou percutidas.

Henrique (2004, p. 18) em seu estudo afirma que “os cordofones classificam-se de acordo com a posição das cordas em relação ao corpo do instrumento, mas para estudo se torna cômodo constituir dois grupos distintos: cordofones de teclados (cordofones dedilhados) e cordofones friccionados”. Os cordofones estão incluídos na categoria 3 do sistema de Hornbostel-Sachs e apresentam duas subdivisões principais, a saber: Cordofones simples ou cítaras - instrumentos que são, em essência, compostos de uma corda ou cordas esticadas em um suporte e Cordofones compostos - instrumentos que têm uma caixa de ressonância como parte integral do instrumento.

MATERIAL E MÉTODO

A presente pesquisa é de abordagem bibliográfica, exploratória e aplicada, e os resultados apresentados são de natureza qualitativa. É de natureza bibliográfica e exploratória porque a investigação visa a compreender as características principais do instrumento musical, apoiando-se de forma prática na assessoria de professores especialistas da Escola de Música da UFRJ para cada classe de instrumentos e, concomitantemente, fundamentou-se na literatura sobre os assuntos que a embasaram. Assim, o trabalho foi desenvolvido com os seguintes procedimentos metodológicos, distribuídos nas seguintes etapas:

Etapa 1 – Inventário e diagnóstico do acervo.

Foi realizada uma pesquisa exploratória sobre as iniciativas de organização realizadas no acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho, desde 1890 até 2013, utilizando-se fontes primárias existentes no acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno



como: livros de registros, inventários, relatórios, livros de ata do antigo Instituto Nacional de Música e documentação histórica do arquivo pessoal do professor João Baptista Siqueira, diretor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na época do segundo inventário, e responsável pela transferência e acondicionamento do acervo no corredor principal da Escola.

Etapas 2 – Elaboração da proposta de organização descritiva do acervo.

Foram utilizadas as normas já existentes para descrição de instrumentos musicais¹, procurando-se confrontá-las com a norma e formato internacionais de representação descritiva da informação, consagrados e em uso, nas bibliotecas brasileiras, tais como: Código de Catalogação Anglo-Americano, segunda edição revista (AACR2) e formato MARC 21, para a informatização do acervo na base de dados Minerva da UFRJ.

Etapas 3 – Elaboração da proposta de organização temática do acervo.

A organização temática do Museu foi baseada na classificação elaborada por Hornbostel e Sachs: *Systematik der Musikinstrumente*, 1914, e para melhor entendimento, na tradução resumida dessa classificação.

Etapas 4 – Elaboração de um protótipo de vocabulário controlado de instrumentos musicais classificados como cordofones dedilhados e friccionados com arco.

Foram selecionadas duas publicações periódicas especializadas em música, assim como uma revista científica na área de Antropologia que publicou um artigo considerado relevante sobre o tema estudado. Esses periódicos foram classificados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Base Qualis² com estratos A1 e A2 (CAPES, 2006), a saber:

- *Per Musi*: Revista Acadêmica de Música – editada pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, v.23, 2011 – Qualis A1
- *Revista Brasileira de Música* – editada pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da UFRJ, v. 23, n.1-2, 2011; v. 24, n.1-2, 2011 – Qualis A2
- *Revista de Antropologia* – publicada pelo Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, v. 44, n.1, 2011 – Qualis A2.

¹ Trindade, Maria Helena. Normas de inventário: instrumentos musicais, 2011 – desenvolvida para o acervo de instrumentos musicais do Museu da Música de Lisboa; Myers, Arnold. *Cataloguing standards for instrument collections*, 1989 – desenvolvida para a Universidade de Edimburgo (Escócia); e, Costa, Evanice Páscoa. *Princípios básicos de museologia*, 2006 – apresenta uma seção que define os campos da catalogação a serem adotados pelo Sistema Estadual de Museus do Paraná.

² Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Os títulos são classificados por categorias indicativas de qualidade - A, B ou C, e ainda, quanto à circulação local, nacional ou internacional.



Para a extração dos termos foram escolhidos, nessas três revistas, sete artigos que apresentavam informações relevantes para a pesquisa terminológica na área de cordofones friccionados e cordofones friccionados com arco.

Devido à especificidade e complexidade da área, utilizou-se também para a extração de termos e determinação das classes a Sistemática de Classificação Hornbostel-Sachs. Para a determinação das subclasses optou-se pela orientação de Henrique (2004), que apresenta as seguintes subclasses: cordofones dedilhados, cordofones friccionados e cordofones friccionados com arco.

ARTIGOS SELECIONADOS

Andrés, Artur; Borém, Fausto. “O grupo UAKTI: três décadas de música instrumental e de novos instrumentos musicais acústicos”. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 23, 2011, p. 170-184. Disponível em http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/23/num23_cap_17.pdf.

Lima, Edilson Vicente de. “O enigma do lundu”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, out. 2010. Disponível em <http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm23-2/rbm23-2-08.pdf>.

Merhy, Silvio Augusto. “As transcrições das canções populares em Viagem pelo Brasil de Spix e Martius”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, out. 2010. Disponível em <http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm23-2/rbm23-2-07.pdf>.

Pires, Sérgio. “O Te Deum (em lá menor) de Lobo e Mesquita (1746?-1805): edição crítica e notas para uma performance historicamente informada”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, abr. 2010. Disponível em <http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm23-1/rbm23-1-02.pdf>.

Páscoa, Márcio. “A ópera como reflexão sobre a construção do espaço e da identidade na Amazônia do século XIX”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em <http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm24-1/rbm24-1-04.pdf>.

Pinto, Tiago de Oliveira. “Som e música: questões de uma antropologia sonora”. *Revista de Antropologia*, 2001. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000100007>.

Verzoni, Marcelo. “Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth: duas mentalidades e dois percursos”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, jan./jun. 2011. Disponível em <http://www.musica.ufrj.br/posgraduacao/rbm/edicoes/rbm24-1/rbm24-1-07.pdf>.



O MUSEU DE LEOPOLDO MIGUEZ: MUSEU INSTRUMENTAL DELGADO DE CARVALHO

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), antigo Conservatório de Nacional de Música, foi fundada em 1848, por um grupo de músicos liderados por Francisco Manoel da Silva (1795-1865). A instituição é conhecida por ser detentora de um dos mais ricos acervos de música do Brasil incluindo-se também, um precioso acervo de instrumentos musicais que começou a ser formado ainda no período do Império no antigo Conservatório de Música.

O Decreto nº 143, de 1890, que extinguiu o Conservatório e criava, nesse mesmo ato oficial, o Instituto Nacional de Música, revela a existência de uma biblioteca e de instrumentos musicais, que provavelmente seriam utilizados na administração das aulas, mas não constituía ainda um acervo organizado, como já era o da Biblioteca Alberto Nepomuceno. O artigo 14 do Decreto determina: “A biblioteca, o arquivo, os instrumentos, os móveis e todos os utensílios pertencentes ao extinto Conservatório passarão a ser propriedade do Instituto Nacional de Música” (Brasil, Decreto, 1890).

A mais antiga referência da coleção de instrumentos musicais, denominada como museu, foi registrada em uma publicação oficial intitulada “Notícia histórica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes a esta repartição”, do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, ao qual, à época, o Instituto encontrava-se vinculado (Brasil, 1898, p. 16). Em 18 de janeiro de 1890, o compositor e maestro Leopoldo Miguez (1850-1902) é nomeado diretor do recém-criado Instituto. Observa-se em sua administração o seu caráter determinado e visionário. No mesmo mês que Miguez assume a direção do Instituto, ele passa a ter maior controle sobre o seu acervo, e passa a registrar, de próprio punho, as doações de livros, partituras e instrumentos musicais, bem como o nome de seus doadores, dentre os quais ele próprio.³

Miguez tinha como meta um projeto ambicioso para o Instituto, o qual incluía um museu de instrumentos musicais. Entre os anos de 1895 a 1896 ele parte para a Europa em viagem comissionada para estudar o funcionamento de conservatórios na Itália, Áustria, Alemanha, Bélgica e França. Durante a viagem, conhece o *Musée des Instruments de Musique do Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles*, que tinha como curador o musicólogo Victor-Charles Mahillon, autor da sistemática de classificação de instrumentos musicais que seria mais tarde adotada na organização do Museu do Instituto.

O resultado desses estudos foi apresentado por Miguez em 1897, no relatório intitulado *Organização dos conservatórios de música na Europa*, dirigido ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Nele, o ex-diretor anuncia a criação de um

³ Instituto Nacional de Música. Biblioteca Alberto Nepomuceno. Livro de inventário das obras. 1890-1895.



museu de instrumentos musicais que seria um modelo referencial a ser utilizado por músicos no Brasil. Cabe destacar que desde a sua criação o Museu era de responsabilidade direta do diretor. O Regulamento do Instituto Nacional de Música, publicado no Decreto N. 3632 de 31 de março de 1900, artigos 75 e 76 determina:

O museu destina-se principalmente ao estudo da história da música e da organologia musical; o gabinete de physica às experiências acústicas que forem julgadas necessárias pelo professor encarregado dessa especialidade. Não será permitido o ingresso nas salas do museu e no gabinete de physica sem autorização do diretor. Os alumnos só poderão freqüenta-las quando acompanhados dos professores para objeto de estudo. (Regulamento do INM, 1900, p. 17)

Leopoldo Miguez, ao criar um museu de instrumentos em 1896, formou uma coleção valiosa. Seu zelo na organização da coleção permitiu que os dados, antes desconhecidos, pudessem ser recuperados e auxiliaram, sobremaneira, na elaboração desta pesquisa.

FASES DE ORGANIZAÇÃO DO MUSEU

Para a concretização do objetivo proposto no presente trabalho, foi realizado o inventário da coleção de instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho. As fases de organização do Museu coincidem com os inventários do acervo realizados e são enumeradas a seguir.

1. Livro de Inventário de 1890-1895 – Organização de Leopoldo Miguez

Embora não se traduza como um inventário, como formalmente se conhece, Leopoldo Miguez registrou os instrumentos musicais, livros e outros objetos pertencentes ao Instituto Nacional de Música, preocupando com o registro do doador e da classificação dos instrumentos.

2. Catálogo de 1905 - Organização de Delgado de Carvalho: O Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro

A primeira catalogação das obras do Museu foi realizada pelo músico Joaquim Torres Delgado de Carvalho (1872-1921). Nomeado para o cargo de bibliotecário do Instituto Nacional de Música, função que exerceu de 1902 a 1907, Delgado de Carvalho recebeu também de Leopoldo Miguez a responsabilidade de dirigir o mu-



seu. Maria Hugo Braga Pinto Coelho, ex-chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno (BAN), narra que

[...] não havia verba destinada à remuneração de um bibliotecário, aceitou Leopoldo Miguez o oferecimento que Joaquim Torres Delgado de Carvalho lhe fez, de exercer aquelas funções gratuitamente. O fato é comunicado ao Ministro, em aviso nº 506, de 29 de abril de 1902. Em decreto de 16 de março de 1903 foi efetuada a nomeação respectiva, a título efetivo, com vencimentos. (Braga, 1973, p. 5)

Como músico, Delgado de Carvalho é autor da ópera *Moema*, que inaugurou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1909. Como bibliotecário, orientado por Alberto Nepomuceno, diretor do Instituto Nacional de Música e sucessor de Miguez, adotou o catálogo em fichas na catalogação. Braga (1973) relata que Delgado de Carvalho realizou um cuidadoso trabalho reunindo autógrafos. Coube também a ele a responsabilidade de gerenciar e catalogar as obras do museu instrumental e do gabinete de acústica. Em 1906, Alberto Nepomuceno (1864-1920), ao assumir pela segunda vez a direção do Instituto, demonstra insatisfação em relação ao trabalho do bibliotecário, destacando as sucessivas licenças tiradas pelo mesmo naquele ano, o que vinha prejudicando o trabalho de catalogação dos livros e partituras (Pereira, 2007).

Assim, em 21 de março de 1907, Delgado de Carvalho é exonerado do cargo, sendo substituído por Manuel Porto Alegre Faulhaber. No entanto, ele publicou o trabalho “Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro” dois anos antes de sua exoneração. No catálogo, Carvalho não se preocupou em assinalar a procedência de cada instrumento limitando-se em registrar no final os nomes dos doadores: Alberto Nepomuceno, Alice Miguez, Arthur Napoleão, Delgado de Carvalho, Elpídio Pereira, Fertin de Vasconcellos, Henrique Oswald, J. Baptista da Motta, J. dos Santos Couceiro, Leopoldo Miguez, Rodolpho Bernadelli e Walborg Nepomuceno.

Entretanto, no Livro de Inventário de Leopoldo Miguez (1890-1895); as anotações manuscritas de Mary Hugo Pinto Braga (1973) no Catálogo de Delgado de Carvalho e os inventários realizados no Museu em 1973, 1974, 1990, 1994, 2008 possibilitam identificar os doadores de muitos instrumentos. A organização do catálogo de Delgado de Carvalho foi influenciada por Miguez⁴ que, por sua vez, conhecia o trabalho desenvolvido no *Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles* por Victor Charles Mahillon.

Não obstante ter classificado o acervo pela sistemática de Mahillon, Delgado de Carvalho ordenou o catálogo de acordo com a numeração seqüencial de registro

⁴ Leopoldo Miguez falecido em 1902, não conheceu o resultado final do trabalho idealizado por ele.



dos objetos no livro de inventário, identificando na descrição do instrumento a classificação adotada. No catálogo os instrumentos são divididos em quatro classes estabelecidas por Mahillon, que por sua vez são subdivididas em ordens e estas em gêneros e espécies, porém percebe-se a modificação de alguns pontos que “tinha a finalidade de tornar mais simples o sistema adotado” (Carvalho, 1905, p. 5).

3. Inventário manuscrito de 1973 – Organização de Mary Hugo Braga Pinto Coelho: Tentativa de reconstituição do Museu Instrumental da E.N.M

A organização feita por Mary Pinto Coelho representa uma tentativa de reconstituição do Museu, ao relacionar os instrumentos existentes e corrigir enganos no Catálogo de Delgado de Carvalho. Paralelo à organização, a então chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno fez algumas anotações manuscritas (1973) no catálogo de 1905, o que possibilitou a identificação de alguns doadores, a constatação do estado de conservação de instrumentos e de baixas no acervo.

4. Inventário de 1974 - Organização de Luciano Rolla: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho.

Luciano Rolla (? - m. 2005) era o *luthier* oficial da Escola de Música e o seu atelier funcionava na Rua das Marrecas. Cabia a ele também a responsabilidade do museu. No inventário desenvolvido por Luciano Rolla foram relacionados 77 itens em 14 páginas datilografadas, sendo que o último item recebeu a numeração 76. Rolla esclarece no encaminhamento do relatório ao diretor que o acervo composto por 77 instrumentos, dentre os quais um fonógrafo construído por Thomas Alva Edison, teve um acréscimo de um cornetim “Bessom Paris” (obra com a numeração 23 no inventário). Sendo assim, a relação ao todo possui 77 obras sendo: 65 instrumentos musicais, 8 objetos (madeiras utilizadas na construção de instrumentos) e 3 fotografias.

A ordenação dos instrumentos na relação e nos armários constata que Rolla dividiu o Museu em seis armários vitrines, classificando-os por famílias, sendo que a harpa cromática, devido à sua dimensão, não seguiu esse critério. A ordenação dos armários por família de instrumentos está ilustrada no quadro 4, a seguir.

É importante registrar que o compositor e maestro João Baptista Siqueira (1906-1992) foi diretor da Escola de Música, de 1971 a 1975, e priorizou a organização da Biblioteca e do Museu. Segundo De Paola (1998), Baptista Siqueira transferiu o museu do *foyer* do Salão Henrique Oswald para o andar térreo do corredor principal da Escola de Música e nomeou o Museu Delgado de Carvalho, providenciando o acondicionamento do acervo em seis vitrines-armários alocadas no corredor principal da instituição⁵.

⁵ Procurou a recuperação de instrumentos antigos e valiosos, que faziam parte do antigo Museu do Instituto Nacional de Música, colocando-os em vitrinas apropriadas em armários dispostos no corredor central de administração. Ao novo museu deu-se o nome Delgado de Carvalho, em homenagem ao primeiro bibliotecário da instituição (De Paola, 1998, p. 98).



5. Inventário de 1990 - Organização de Léo Soares: Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho

O inventário de 1990, intitulado Relação dos Instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho, foi realizado no período de julho de 1990 a dezembro de 1991, por Leo Affonso de Moraes Soares, violonista e professor da Escola de Música da UFRJ, com a colaboração do técnico em assuntos educacionais Antônio da Silva Figueiredo.

Nesse trabalho, os objetos do Museu são relacionados conforme a ordenação dada por Luciano Rolla, em 1974, ou seja, de acordo com a distribuição nas vitrines. Contudo, nessa nova relação é acrescentado um sétimo armário composto, em sua maioria, de medalhas e placas. Constata-se também, a entrada de um único instrumento musical, um violino F. Breton Brevet, doado pela cientista e professora emérita da UFRJ Bertha Lutz. Contudo, esse instrumento não consta do inventário realizado posteriormente, em 1994.

6. Inventário de 1994 – Organização de Afifi Craveiro de Almeida: O Museu Instrumental Delgado de Carvalho: breve notícia

O inventário realizado pela professora da Escola de Música da UFRJ Afifi Craveiro de Almeida foi publicado na *Revista Brasileira de Música* (1994) e apresenta um estudo histórico cuidadoso do Museu e de algumas etapas de sua organização. O texto introduz algumas imagens dos instrumentos e identifica pela primeira vez as obras extraviadas até 1994.

7. Inventário de 2008 – Organização de Dolores Castorino Brandão: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho

Em julho de 2008, na administração do professor André Cardoso, frente à Escola de Música, o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi retirado das vitrines que ocupavam o corredor e transportado para a biblioteca que ficou com a sua guarda. A medida tomada pelo diretor tinha como base o Regimento da Escola de Música de 1973, em vigor, que em seu artigo 278 determina que o museu é “anexo à biblioteca e ficará sob a fiscalização do bibliotecário, a quem incumbirá a guarda e conservação dos instrumentos musicais antigos e objetos relativos à música e será supervisionado por um professor titular indicado pela direção” (UFRJ, 1973, p. 103-104). Com o acervo do Museu sob a guarda da BAN foi necessário o seu tratamento técnico, a partir de sua identificação, trabalho esse desenvolvido com a assessoria de musicólogos da Escola.



Durante a transferência do acervo, foi realizado o inventário com o objetivo de relacionar o acervo das vitrines e ter o controle das peças transferidas. Nessa ocasião, foi formada uma equipe de profissionais da Escola de Música composta por bibliotecários e professores. Cabe ressaltar que a equipe de bibliotecários, tendo em vista as particularidades de seu acervo musical raro e precioso, adota como política buscar assessoria de professores e pesquisadores da Escola com vistas a fundamentar o tratamento técnico do mesmo, estabelecendo, com isso, uma colaboração permanente.

8. Inventário de 2013 – Organização de Dolores Castorino Brandão: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho: 1890-2013.

Para a realização deste inventário, foram realizadas pesquisas em fontes primárias, como livros de registro e inventários anteriores, relatórios da Instituição e documentação de arquivos pessoais, que revelaram e esclareceram parte da história de formação da coleção e da criação do Museu, permitindo também a identificação dos instrumentos extraviados, assim como a procedência e a identificação de muitos doadores.

Ao longo dos anos, os instrumentos e os objetos do acervo original foram se extraviando ou se deteriorando, o que foi verificado em cada inventário realizado. Do acervo original de 1890, foi constatada, pelo inventário de 2013, a permanência de apenas 35 instrumentos musicais e quatro objetos.⁶

O MUSEU ATUAL

Em julho de 2008, na administração do professor André Cardoso, frente à Escola de Música, o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi retirado das vitrines que ocupavam o corredor e transportado para a biblioteca que ficou com a sua guarda. A medida tomada pelo diretor tinha como base o Regimento da Escola de Música de 1973, em vigor, que em seu artigo 278 determina que o museu é “anexo à biblioteca e ficará sob a fiscalização do bibliotecário, a quem incumbirá a guarda e conservação dos instrumentos musicais antigos e objetos relativos à música e será supervisionado por um professor titular indicado pela direção” (UFRJ, 1973, p. 103-104).

Foi realizado um inventário completo das obras e para este fim, foram realizadas pesquisas em fontes primárias, como livros de registro e inventários anteriores, relatórios da Instituição e documentação de arquivos pessoais, que revelaram e esclare-

⁶ Brandão, Dolores Castorino. Representação Documentária de Instrumentos Musicais: Contribuição para a Organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013. A relação completa do inventário de 2013 consta no trabalho.



ceram parte da história de formação da coleção e da criação do Museu, permitindo também a identificação dos instrumentos extraviados, assim como a procedência e a identificação de muitos doadores.

Ao longo dos anos, os instrumentos e os objetos do acervo original foram se extraviando ou se deteriorando, o que foi verificado no inventário realizado. Do acervo original de 1890, foi constatada, pelo inventário de 2013, a permanência de apenas 35 instrumentos musicais e quatro objetos. O acervo atual é composto de 82 instrumentos musicais e 26 objetos (batutas, quadros, fotografias e outros).

Sob a custódia da BAN, o acervo recebeu um tratamento técnico de acordo com normas e padrões internacionais. As obras foram registradas e inseridas na base de dados Minerva da UFRJ⁷, que arrola o acervo das unidades de informação que compõem o Sistema de Bibliotecas e Informações da UFRJ, e o acervo foi identificado na base Minerva como Coleção Museu Instrumental Delgado de Carvalho (CMIDC).

PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DESCRITIVA E TEMÁTICA DO MUSEU DELGADO DE CARVALHO

A proposta apresentada a seguir é uma contribuição à organização da informação e do conhecimento, no âmbito de instrumentos musicais, e foi elaborada obedecendo a normas e padrões internacionais adotados tanto pela Biblioteconomia, como pela Museologia e Organologia. Como já dito anteriormente, foram estudados modelos de representação de acervos de instrumentos musicais na Europa, particularmente o trabalho desenvolvido pelo Museu da Música de Lisboa e da Universidade de Edimburgo, na área de Organologia. No Brasil não foi encontrado nenhum modelo de organização descritiva e temática de instrumentos musicais. A partir daí, foi utilizado o trabalho de Evanice Páscoa Costa sobre tratamento de documentação museológica, datado de 2006, que contribuiu com alguns elementos. Utilizaram-se, também, o AACR2 referente a Artefatos Tridimensionais e Realia e o formato MARC 21 relacionado a padrões internacionais utilizados pela base de dados Minerva da UFRJ. Como consequência desses estudos, chegou-se a proposta de representação descritiva e temática dos instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho que procurou atender a todos os elementos sugeridos pelos trabalhos analisados, cujo resultado é demonstrado no quadro 1 a seguir, que organiza as áreas de descrições sugeridas pelos trabalhos, mostra sua correspondência e/ou equivalência com os padrões biblioteconômicos, MARC 21 e AACR2, e instrui sobre o seu uso.



Quadro 1. Equivalência do estudo de descrição com o formato MARC 21

TRINDADE/ MYERS/COSTA	MARC 21/AACR2		PROPOSTA
Elemento de Descrição	Elemento de Descrição	Campo	
Não consta	Fonte da Catalogação	040	Registrar a unidade de informação responsável pela catalogação.
Número do inventário/ Número de aquisição/ Número de registro	Classificação	084	Registrar neste campo a classificação organológica de acordo com o sistema Hornbostel–Sachs.
Não consta	Número de chamada local	090	Registrar neste campo a sigla do museu, classificação organológica e o número de localização do instrumento no acervo.
Autoria/Criador	Indicação de responsabilidade	100	Registrar o nome pessoal do construtor do instrumento ou o nome do fabricante, acrescentando a data de nascimento e morte. Usar o termo <i>desconhecido</i> para autoria que não seja possível determinar ou atribuído no caso de autoria atribuída por críticos, estudiosos ou tradição oral.
Denominação/ Título/ Nome Original	Título principal Designação do material Responsabilidade	245	Este campo deverá conter o nome do instrumento, traduzido para o português conforme a lista adotada pela biblioteca, exceto os instrumentos étnicos que devem ser registrados na língua original. Registrar também, a designação do material e a responsabilidade.
Outras denominações	Título variante	246	Formas variantes do nome do instrumento, inclusive as formas nos diversos idiomas.
Local de origem/ Autoria/Criador/Data	Publicação/ Fabricação	260	Registrar o nome do construtor ou do fabricante seguido do local de fabricação e da data completa, dia, mês e ano. Caso não exista a informação exata da data, registrar uma data provável baseada em informações históricas, características técnicas e/ ou estilísticas, aproximando ano, década ou século.
Dimensões / Tamanho total	Descrição física	300	Registrar as dimensões do instrumento usando o máximo de precisão possível: Altura, Largura, Espessura, Comprimento, Outras Dimensões: Largura do teclado, Tampo harmônico, Largura do cepo, Ponte (largura, Espessura da ilharga curta, Espessura da ilharga distal)



Não consta	Informação de Série	440	Este campo deverá conter informação referente a Coleção.
Não consta	Nota geral	500	Registrar os dados de assessoria musicológica referente ao instrumento descrito.
Marcas e inscrições	Nota geral	500	Transcrever, entre aspas, inscrições, gravações, esculturas, imagens, elementos carimbos, rótulos ou demais marcas presentes no instrumento.
Estado de conservação	Nota geral	500	Registrar o estado de conservação do instrumento obedecendo ao seguinte critério: Ótimo – a peça encontra-se em excelente estado de conservação; Bom – a peça apresenta boa condição de conservação ainda que tenha passado por restauro; Regular – a peça está em processo inicial de deterioração; Péssimo - a peça está em adiantado processo de deterioração.
Falhas/Alterações	Nota geral	500	Registrar qualquer falha ou partes faltantes que prejudicam a aparência ou podem afetar o desempenho do instrumento. Registre neste campo, o tipo de reparo ou modificação realizada no instrumento.
Localização	Nota geral	500	Registrar neste campo a localização atual do instrumento. Se está em exposição ou na reserva técnica da Biblioteca.
Referências bibliográficas	Nota de citação	510	Registrar as informações bibliográficas onde são citadas ou referenciados o instrumento.
Descrição/ Representação/ Características/ Informação técnica	Nota de resumo	520	Registrar neste campo as características físicas, resumindo as peculiaridades próprias do instrumento que podem ser utilizadas para distingui-lo dos demais, como por exemplo, elementos decorativos e número de série e características técnicas do instrumento.
Origem/ Historicidade/ Incorporação	Nota biográfica ou histórica	561	Registrar dados de procedência, nome dos doadores e outras informações históricas sobre o instrumento.
Não consta	Nota de publicações sobre materiais descritos	581	Registrar os inventários realizados na coleção.



Não consta	Nota de Exposição	585	Registrar neste campo uma nota específica citando a exposições onde o instrumento descrito foi mostrado.
Não consta	Nota de Premiação	586	Registrar neste campo informações de prêmios associados ao instrumento descrito.
Categoria/ Cultura de origem	Assunto – Termo tópico	650	Atribuir o assunto baseado no vocabulário controlado adotado pela instituição.
Instituição / Proprietário	Instituição depositária	850	Registrar o nome da instituição depositária
Não consta	Localização e acesso eletrônico à fotografia do instrumento ou objeto.	856	Este campo deverá conter a informação necessária para localização eletrônica do instrumento musical.
Preenchido por: Data: Atualizado por: Data:	–	–	Dados gerados automaticamente pelo sistema. Constam no final da catalogação do instrumento.

Fonte: Brandão, Dolores Castorino, 2013.

No Quadro 1 verifica-se que o capítulo 10 do Código AACR2 e o formato MARC 21, padrões utilizados pela Biblioteconomia, são viáveis para a descrição de instrumentos musicais de acordo com as normas de inventário/catalogação estudados.

O resultado da aplicação dessa proposta é mostrado no Quadro 2, um exemplo de catalogação de flauta de madeira na base Minerva da UFRJ.

Quadro 2. Exemplo de representação na Base Minerva: Flauta de madeira

FMT	VM
LDR	00000nr 22 a 4500
003	UFRJ
005	20130418083055.0
008	120904q1840 fr nnn d
040	a EM
084	a 421.1. Classificação segundo Sistema Hornbostel–Sachs: Aerofone: Flautas sem aeroduto.
090	a MIDC/EM/UFRJ 421.1 I4 Prat. 19
100 1	a Godfroy, Clair, d 1774-1841.
245 10	a Flauta transversa h [Instrumento musical] / c Clair Godfroy.



260	a Paris : b Clair Godfroy, c c. 1840.
300	a 1 flauta ; c Descrição: Comprimento total 65 cm.
440 0	a Coleção Museu Instrumental Delgado de Carvalho.
500	a Assessoria musicológica: Eduardo Monteiro/Escola de Música da UFRJ.
500	a Estado de conservação: Ótimo.
500	a Inscrição gravada no porta lábio: “Callado. 20 de março de 1880. Seu discípulo João Duarte”.
520 1	a Instrumento feito em madeira cocus. Mecanismo de prata. Chave de trinado de dó. Tubo cônico. Porta lábio de prata incrustado na madeira que envolve externamente o orifício da cabeça. Sistema Boehm com anéis.
561	a “Clair Godfroy é considerado um dos principais inovadores na construção da flauta no século XIX. Alguns de seus procedimentos construcionais permanecem em uso até a presente data, tais como: chaves com braços, chave dupla de sol # e incrustação de prata no bocal. Durante muitos anos a flauta pertencente ao acervo do museu, foi erroneamente considerada como tendo sido de propriedade de Joaquim Callado. Este mal entendido deve-se a inscrição gravada no porta lábio do instrumento. Na verdade a inscrição é uma homenagem de um aluno a seu mestre por ocasião da morte deste. Callado também preconizava o uso da flauta de cinco chaves, opondo-se ao uso do Sistema Boehm. Fonte: Eduardo Monteiro, 2013.
581	a Inventário de 2008: Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho/ Organização de Dolores Castorino Brandão.
650 04	a Flauta transversa h [Instrumento musical] /
650 04	a Aerofones - x Instrumento musical
850	a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Música.
856 42	u http://objdig.ufrj.br/26/Instrumento Musical/780623.jpeg z imagem
CAT	a DBRANDAO26 b 20 c 20130418 l UFR01 h 0830
SYS	000780623

A partir da classificação do acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi possível identificar o número de instrumentos musicais e sua classe correspondente.

No Brasil, atualmente, percebe-se a necessidade de estruturação de vocabulário controlado na área de instrumentos musicais que possibilite as diversas instituições indexarem seus acervos de forma consistente, bem como intercambiar informações entre si. Nesse domínio, o micro-vocabulário proposto servirá como experiência para elaboração de tesouro de instrumentos musicais. Vale destacar a evidência da necessidade de intensificação das pesquisas e experiências neste campo e da importância do diálogo entre profissionais da área de Biblioteconomia e da Organologia cujas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento da classificação dos instrumentos musicais.



Apresenta-se a seguir os resultados das análises realizadas na elaboração do micro-vocabulário.

Para a construção do micro-vocabulário foram usados 24 termos, abaixo elencados. O relacionamento entre os termos no micro-vocabulário pode ser observado a seguir.

MICRO-VOCABULÁRIO EM ORDEM ALFABÉTICA

ALAÚDE

NE Instrumento de cordas dedilhadas, de importância capital para a música do Ocidente a partir do final da Idade Média até o séc. XVIII. Suas características são um corpo piriforme, com o fundo abaulado, construído a partir de ripas de madeira (“ilhargas”) curvadas e coladas umas às outras. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 15)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Bandolim

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

TR violão

BANDOLIM

NE Instrumento de cordas dedilhadas, dotado de espelho, com o corpo arredondado. O corpo pode ser talhado a partir de um bloco de madeira ou (a partir do sec. XVII) construído como alaúde. A cravelheira costuma ser curva. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 71)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde

TR Cítara

TR Harpa

TR Saltério

TR violão

BAIXO

USE: Contrabaixo

BAIXO INSTRUMENTAL

USE: Contrabaixo

CELLO

USE: Violoncelo



CÍTARA

NE O mais importante instrumento de corda da antiguidade greco-romana, maior e mais pesado que a lira, com o qual se parece. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 199)

TG *Cordofones friccionados*
TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde
TR Bandolim
TR Harpa
TR Saltério
TR Violão

CONTRABAIXO

NE Entre os instrumentos de arco, o maior e de sonoridade mais grave. O contrabaixo moderno tem entre quatro ou cinco cordas e frequentemente soa uma 8 abaixo do violoncelo. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 217)

TG *Cordofones friccionados*
TE *Cordofones friccionados com arco*

TR Violino
TR Viola
TR Violoncelo
TR Baixo
UP Baixo instrumental

CORDOFONES BELISCADOS

USE: *Cordofones dedilhados*

CORDOFONES

NE Temo genérico para instrumentos cujo som é produzido por meio de cordas retesadas entre extremidades fixas. Os cordofones formam uma das quatro classes principais de instrumentos (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 223).

TE *Cordofones friccionados*
TE Cordofones de teclado
UP Instrumentos de cordas

CORDOFONES DEDILHADOS

NE Pertence à classe dos Cordofones. O som obtém-se ao dedilhar nas cordas do instrumento. (HENRIQUE, 2004).

TG *Cordofones friccionados*
TR *Cordofones friccionados com arco*

TR Alaúde
TR Bandolim



TR Cítara
TR Harpa
TR Saltério
TR Violão
UP Cordofones beliscados
UP Instrumentos de cordas dedilhadas

CORDOFONES FRICCIONADOS

NE Pertence à classe dos Cordofones sendo subdivididas em instrumentos friccionados com arco e instrumentos dedilhados (HENRIQUE, 2004).

TG Cordofone
TE *Cordofones friccionados com arco*
TE *Cordofones dedilhados*

TR Cordofone de teclado
UP Instrumentos de cordas friccionadas

CORDOFONES FRICCIONADOS COM ARCO

NE Pertence à classe dos Cordofones. O som obtém-se ao friccionar o arco nas cordas do instrumento (HENRIQUE, 2004).

TG *Cordofones friccionados*
TR *Cordofones dedilhados*

TE Contrabaixo
TE Viola
TE Violino
TE Violoncelo

GUITARRA

USE: Violão

HARPA

NE Nome genérico para instrumentos de cordas dedilhadas, em que o plano das cordas é perpendicular à tabua de harmonia. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 409).

TG *Cordofones friccionados*
TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde
TR Bandolim
TR Cítara
TR Saltério
TR violão

INSTRUMENTOS DE CORDAS

USE: Cordofones



INSTRUMENTOS DE CORDAS FRICIONADAS

USE: *Cordofones friccionados*

INSTRUMENTOS DE CORDAS DEDILHADAS

USE: *Cordofones dedilhados*

SALTÉRIO

NE Instrumento da família da cítara, consistindo de uma caixa de ressonância de madeira, na qual estendem-se séries de cordas entre pinos metálicos ou cravelhas de madeira. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, pág. 817)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*

TR Alaúde
TR Bandolim
TR Cítara
TR Harpa
TR Saltério
TR Violão

VIOLA

NE Instrumento de arco, com trastes, em geral, apoiado verticalmente no colo ou, em tamanhos maiores, entre as pernas (dá o nome “viola de gamba”, literalmente “viola de perna”). (DICIONÁRIO GROVE, 1994, pág. 995)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones friccionados com arco*

TE Contrabaixo
TE Violino
TE Violoncelo
UP Viola de arco
UP Violeta

VIOLA DE ARCO

USE: Viola

VIOLETA

USE: Viola

VIOLÃO

NE Instrumento de corda da família do alaúde. O violão clássico moderno tem, à frente do braço, um espelho (“escala”) habitualmente com 19 trastes (que formam o mesmo número de “casas”), seis cordas, uma caixa de ressonância de madeira, com a forma de um 8, uma abertura circular (“boca”) e fundo plano. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, pág. 996)

TG *Cordofones friccionados*

TE *Cordofones dedilhados*



TR Alaúde
TR Bandolim
TR Cítara
TR Harpa
TR Saltério
UP Guitara

VIOLINO

NE O membro soprano da família de instrumentos de arco, que inclui a viola e o violoncelo, um dos instrumentos mais versáteis e duradouros da história da música. Sua capacidade para o som sustentado é notável e dificilmente outro instrumento consegue igualar sua gama de expressão e intensidade. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 997)

TG *Cordofones friccionados*
TE *Cordofones friccionados com arco*

TE Contrabaixo
TE Viola
TE Violoncelo

VIOLONCELO

NE O Instrumento baixo da família do violino [...]. Teve origem no século XVI, como um membro da família chamada viole da braccio. (DICIONÁRIO GROVE, 1994, p. 1000)

TG *Cordofones friccionados*
TE *Cordofones friccionados com arco*

TE Contrabaixo
TE Viola
TE Violino
UP Cello

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades encontradas, considera-se que o objetivo de propor um modelo de organização da informação para o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho de acordo com normas e padrões internacionais e em consonância com a descrição de instrumentos musicais propostas por Trindade (2011) e Myers (1989) foi atingido. A pesquisa revelou a complexidade inerente ao tratamento técnico de instrumentos musicais e, conseqüentemente, a necessidade de estudos interdisciplinares sobre o tema.

Constatou-se que o trabalho realizado por Leopoldo Miguez foi crucial para a elaboração do catálogo publicado em 1095, como também forneceu informações importantes para a realização desta pesquisa. Além disso, a classificação criada por Hornbostel e Sachs



foi de fundamental importância e pioneirismo, ainda a divisão desenvolvida pelos autores possibilita uma melhor ordenação e classificação dentro da Organologia.

Observa-se que Hornbostel e Sachs utilizaram números para representar as classes, eliminando assim as barreiras linguísticas, uma vez que esses símbolos não verbais são linguagens internacionais. Por outro lado, verifica-se que os autores adotaram padrão biblioteconômico, a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal, que, por sua vez, utilizou um padrão organológico ao adotar a classificação de Hornbostel e Sachs.

Observou-se também que a utilização de normas e padrões internacionais para a organização desse acervo garante uma representação adequada do documento, de modo a atender aos usuários de forma eficiente. Destaca-se que a partir de sua informatização na base Minerva é possível disseminar o acervo em nível internacional.

Durante o processo de identificação, catalogação, classificação e indexação dos instrumentos musicais percebeu-se a importância do diálogo interdisciplinar entre, por exemplo, bibliotecários e musicólogos na busca de uma representação qualificada. O tema abordado deve ser amplamente discutido entre os profissionais envolvidos que, sem sombra de dúvidas, complementarão com suas expertises questões importantes sobre a representação de instrumentos musicais.

Em suma, os resultados obtidos na área da linguagem documentária no domínio de instrumentos musicais evidenciam a importância de novas pesquisas e experiências neste campo, bem como a necessidade de uso de vocabulário controlado que possibilite a indexação e organização sistemática de acervos institucionais e o intercâmbio de informações relevantes.

Finalmente, espera-se que o modelo possa contribuir com a organização de acervos em outras unidades de informação, com características semelhantes, e que seja objeto de estudo de pesquisas futuras.

Aos professores queridos, meus agradecimentos sinceros: Alysio de Mattos, André Cardoso, Cristiano Alves, Antonio Augusto, David Alves, Eduardo Monteiro, Mônica Lucas, Patrícia Aguillar, Paulo Sá, Pedro Sá, Rogério Budasz e Samuel Araújo.



REFERÊNCIAS

- Almeida, Afifi Craveiro. “Museu Instrumental Delgado de Carvalho: breve história”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 87-94, 1994.
- Augusto, Antonio José. *A questão Cavalier: música e sociedade no império e na república (1846-1914)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2010.
- Braga, Mary Hugo Pinto. *A Biblioteca Alberto Nepomuceno*. Rio de Janeiro, 1973. Documento datilografado.
- Braga, Mary Hugo Pinto. *Tentativa de reconstituição do Museu da E.N.M.* Rio de Janeiro, 1973.
- Braga, Mary Hugo Pinto. *Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho*. Rio de Janeiro, 2008. Documento datilografado.
- Braga, Mary Hugo Pinto. *Relação das obras do Museu Instrumental Delgado de Carvalho: 1890-2013*. Rio de Janeiro, 2013. Documento datilografado.
- Brandão, Dolores Castorino. *Representação documentária de instrumentos musicais: contribuição para a organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento). Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/26/monograf/796553.pdf>. Acesso em 14 jun. 2013.
- Brasil. Decreto nº 143, de 12 de janeiro de 1890. *Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil*. - Rio de Janeiro, 1890. Fasc. 1. Extingue o Conservatório de Música e cria o Instituto Nacional de Música.
- Brasil. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Notícia histórica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes a esta instituição: elaborada por ordem do respectivo ministro Dr. Amaro Cavalcanti*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.
- Carvalho, Delgado de. *O Museu Instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
- Cavalcanti, C. R. *Indexação e tesouro: metodologia e técnica*. Brasília, ABDF, 1978.
- Classificação Decimal Universal (CDU)*: edição média em língua portuguesa. 2. ed. Brasília: IBICT, 2007.
- Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR)*. 2. ed. rev. São Paulo: FEBAB, 2004.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Qualis Periódicos*, 2006. Disponível em <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>. Acesso em 30 nov. 2012.



Costa, Evanise Páscoa (org.). *Princípios Básicos da Museologia*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, 100p. Disponível em http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/downloads/p_museologia.pdf. Acesso em 23 jan. 2013.

De Paola, Andrey Quintella; Gonzales, Helenita Bueno. *Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro: história & arquitetura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

Dicionário Grove de Música. Edição concisa; editado por Stanley Sadie. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Dodebey, Vera Lúcia Doyle. *Tesouro: linguagem de representação da memória documental*. Niteroi: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

Fujita, Mariângela Spotti Lopes; Rubi, Milena Polsinelli; Boccato, Vera Regina Casari. “As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre indexação e catalogação de assuntos”. In: Fujita, Mariângela Spotti (org.). *A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Henrique, Luís L. *Instrumentos musicais*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Hornbostel, Erich M. Von; Sachs, Curt. “Systematik der musikinstrumente: ein versuch”. *Galpin Society Journal*, v. 4, n. 4, p. 552-590, 1914. Disponível em <http://www.oberlin.edu/faculty/rknight/Organology/H-S-1914-German.pdf>. Acesso em 29 nov. 2012.

Instituto Nacional de Música. *Livro de inventário das obras*, 1890-1895.

Instituto Nacional de Música. *Regulamento*. Rio de Janeiro, 1900.

Kartomi, Margaret. “The classification of musical instruments: changing trends in research from the late nineteenth century, with special reference to the 1990s”. *Ethnomusicology*, Illinois, v. 45, n. 2, p. 283-314 (Spring – Summer, 2001). Disponível em <http://www.jstor.org/stable/852676>. Acesso em 17 dez. 2012.

Lancaster, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1993.

Mahillon, Victor Charles. *Éléments d’acoustique musicale & instrumentale*. Bruxelles: C. Mahillon, 1874. Disponível em <http://archive.org/stream/elmentsdacousti00mahigoog#page/n6/mode/2up>. Acesso em 17 jan. 2013.

Mey, Eliane Serrão Alves. *Introdução à catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

Miguez, Leopoldo. *Organização dos Conservatórios de Música na Europa*. Relatório apresentado ao ministro da Justiça e Negócios Interiores por Leopoldo Miguez, diretor do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro em desempenho da comissão de que foi encarregado em aviso do mesmo Ministério de 16 de março de 1895. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.



Myers, Arnold. “Cataloguing standards for instrument collections”. *CIMCIM Newsletter*, London, n. 14, p. 14-28, 1989. Disponível em <http://www.music.ed.ac.uk/euchmi/cimcim/itn/itnXIVc.html#Standardisation>. Acesso em 15 jan. 2013.

“Música: um museu em tom maior”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 14 fev. 1974, p. 2.

Ortega, Cristina Dotta. “Surgimento e consolidação da documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil”. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 14, n. especial, p. 59-79, 2009. Disponível em <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/899>. Acesso em 13 fev. 2013.

Pereira, Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a república musical*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

Piedade, M. A. R. *Introdução à teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

Pinto, Tiago de Oliveira. “Som e música. Questões de uma antropologia sonora”. *Revista de Antropologia*, 2001, v. 44, n. 1. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034. Acesso em 22 jan.. 2013.

Ribeiro, Antônia Motta de Castro Memória. *Catálogo de recursos bibliográficos AACR2R em MARC21*. 3ª ed. rev. e ampl. Brasília: Ed. do autor, 2006.

Rolla, Luciano. *Relação dos instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho*, 1974.

Rosseto, Márcia. “Uso do Protocolo Z39. 50 para recuperação de informação em redes eletrônicas”. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 1-4, 1997. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651997000200004>. Acesso em 22 mar. 2013.

Santos, Gildenir Carolino; Ribeiro, Célia Maria. *Acrônimos, siglas e termos técnicos: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática*. Campinas: Átomo, 2003.

Santos, Maria José Veloso da Costa. “A representação da informação em arquivos: viabilidade de uso dos padrões utilizados na biblioteconomia”. *Acervo: revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 20 n. 1-2, p. 57-66, jan./dez. 2007. Disponível em <http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/138>. Acesso em 17 dez. 2012.

Soares, Léo. *Relação dos instrumentos que compõem o Museu Delgado de Carvalho*, 1990.

Trindade, Maria Helena. *Normas de Inventário: Instrumentos Musicais*. Instituto dos Museus e da Conservação, 2011.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Regimento da Escola de Música. Boletim da Escola de Música. *Suplemento*. Rio de Janeiro, n. 5, 1 fev. 1973.



Woledge, G. “Bibliography and documentation: words and ideas”. *Journal of documentation*, v. 39, n. 4, p. 266-279, 1983.

Yassuda, Sílvia Nathaly. “Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista”. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: www.marilia.unesp.br/Home/Pos.../yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso em: 22 nov. 2012.

DOLORES CASTORINO BRANDÃO é Chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialista em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento (Convênio FACC/UFRJ e Arquivo Nacional (2013), Bacharel em Biblioteconomia e Documentação (1989). Publicações mais importantes: Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ: do raro ao virtual. *Revista Brasileira de Música*, v.22, p.68-75, 2002. Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ como fonte de informação para pesquisadores e estudantes de pós-graduação. *Revista Interfaces*, v.14, p.89-95, 2008.

MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS é professora do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da UFRJ, sendo sua Vice-coordenadora. Doutoranda em História das Ciências e das Técnicas, Mestre em Ciência da Informação, Especialista em Documentação científica e em Implantação de Sistemas e Redes de Informação, Bibliotecária/Documentalista. Foi chefe da Biblioteca do Museu Nacional/UFRJ e da Seção de Memória e Arquivo também, do Museu. Menção honrosa-serviços prestados à UFRJ – Jubileu de Ouro da Biblioteca Central/UFRJ. Publicações mais importantes: Correspondência científica de Bertha Lutz: um estudo... e A Representação da informação em Arquivos: viabilidade de ...

VÂNIA LISBOA DA SILVEIRA GUEDES é professora do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da UFRJ. Professora Colaboradora do Curso de Pós-graduação em Linguística e Filologia (PPGL) da UFRJ. Estágio Pós-doutoral no mesmo Programa. Doutora em Linguística, Mestre em Ciência da Informação. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação. Representante do CCJE no Conselho de Ensino de Graduação (CEG)/UFRJ (2011 a 2012). Publicações mais importantes: A Bibliometria e a gestão da informação e do conhecimento científico...; Produtividade lexical em artigos científicos e a indexação temática da informação e Estudo de um critério para indexação automática derivativa de textos científicos e tecnológicos.